

Maria de Lurdes Morgado Sampaio*

pp. 217-222

Publicado em 2015, numa tiragem de 1000 exemplares, o volume em apreciação, dirigido por Margarida Gil dos Reis, esgotou rapidamente, o que já diz muito sobre o interesse despertado por esta obra editada no âmbito das Comemorações dos 40 anos da Independência de Angola e da celebração dos 40 anos da Associação dos Escritores de Angola. Estamos perante uma obra singular, para ler e para ver, organizada sob o signo da beleza, da afetividade e da cooperação (desde o trabalho de equipa à parceria com a União de Escritores Angolanos e ao apoio da Embaixada de Angola em Portugal).

O leitor é, de imediato, cativado pelo design (da cor aos múltiplos recursos gráficos explorados) e por uma iconografia rica (de fotografias a reproduções diversas) num diálogo permanente com os textos verbais, em cruzamentos interartísticos e intermodais felizes e fecundos, que fazem deste volume um objeto estético colecionável. Sendo, pelos textos que o compõem, uma incontornável ferramenta de trabalho para futuros investigadores da literatura de Angola (e veja-se a secção da Bibliografia seleccionada), a *poesia* com que aqui deparamos extravasa para lá da textualidade mais estrita: surge na icónica imagem da baía de Luanda estampada na capa da revista e manifesta-se em diversos momentos, desde títulos a intertítulos, a textos mais prosaicos de recorte autobiográfico. Estamos perante um tributo a escritores e artistas angolanos indissociáveis da formação da nação; daí que a viagem se faça sob a figura tutelar de Agostinho Neto, com um excerto do poema “Sombras” à laia de dedicatória e finalize com versos de Arlindo Barbeitos, do poema “Na transparência da tardinha”.

O índice, deslocado para a badana inicial da revista, dá-nos conta de uma estrutura subdividida em cinco partes, em que se destaca o amplo espaço dado à voz dos escritores (e os grafemas ainda preservam as falas): Editoriais, pp. 5-37; Ensaios, pp. 38-79; Testemunhos, pp. 80-143; Entrevistas, pp. 144-191 e Bibliografia pp. 192-214. No primeiro dos três editoriais, intitulado “Com o Coração na Boca”, pontuado por belas reproduções de António Ole, MGR começa por enfatizar a complexidade da realidade literária e sociocultural angolana (das línguas nacionais à importância da tradição oral) para apontar alguns traços genéricos da literatura angolana aqui homenageada: a diversidade, a vitalidade e a singularidade. Segue-se a advertência aos leitores de que não houve a pretensão de organizar um volume antológico nem de “retratar exaustivamente as últimas quatro décadas da literatura angolana” (p. 5). MGR faz, de seguida, a apresentação dos conteúdos da revista, da sua dimensão polifónica, e ressalta o que refere como relação de “simbiose quase perfeita” (p. 6) entre as estórias dos indivíduos singulares e a História de Angola, relação essa de que terá tido um entendimento mais profundo no contacto pessoal com a quase totalidade dos 50 artistas convidados (escritores

* FLUP.

e artistas plásticos). Palavras-chave como “nação”, “nacionalidade”, “cidade”, “ironia”, “identidade” ou “resgate de tradições”, constituem um excelente roteiro de leitura para uma obra que convida a uma leitura lenta, não linear.

No segundo editorial, “A literatura angolana entre utopias e distopias: um percurso”, Inocência Mata apresenta-nos uma visão abrangente da literatura angolana (gerações, movimentos, utopias e distopias), sempre articulada com um enriquecedor olhar microscópico sobre diversos autores e poemas. A ensaísta parte de alguns dos teoremas já por si enunciados noutros ensaios para traçar as linhas complexas de um quadro literário em devir: **i)** o movimento simbiótico de formação da literatura e da nação angolana; **ii)** a estreita relação, desde os primórdios, entre literatura e a elite local; **iii)** as ligações entre literatura e jornalismo literário. Tendo como referência o famoso MNIA e a atividade literária de meados do séc. XX, argumenta Mata que a forte repressão colonial nesse período teria de conduzir a uma produção literária marcadamente ideológica e a um discurso com uma forte retórica identitária. A ensaísta detém-se depois sobre a presença de uma tradição griótica nos autores angolanos, para proceder, de seguida, à luz da ecocrítica, a uma reavaliação do tópico do “sentimento da terra”, *i.e.*, da relação dos poetas com o mundo orgânico. O campo da literatura de autoria feminina não podia ser descurado: Mata cita os nomes cimeiros de Alda Lara e de Ana Paula Tavares, e indo contra uma ideia generalizada sobre a ausência de mulheres na literatura angolana, procede a um oportuno levantamento de nomes e de obras de autoras mal conhecidas.

O terceiro editorial “Breves Reflexões sobre a geração das incertezas: a geração literária do período pós-independência (1980–2001)” cabe a Luís Kandjimbo, cuja declaração inicial de adesão ao “novo” Acordo Ortográfico ultrapassa claramente o âmbito da linguística e da política de língua nos PALOP. Bem conhecido pelo polémico ensaio “Para a Descanibalização das Literaturas Africanas” e pela defesa de um património cultural angolano, o autor centra-se na *Geração da Revolução*, num meritório esforço taxinómico que serve de bússola a qualquer estudioso da literatura angolana. Assim, temos: **i)** uma tipologia dos poetas dessa Geração; **ii)** um inventário básico de revistas literárias, de tertúlias e de Brigadas Jovens da Literatura de então; **iii)** um levantamento de temas dominantes na poesia e na narrativa, emergentes nessa época. Kandjimbo presta também um valioso testemunho sobre a sua participação na Brigada Jovem de Literatura de Huíla, relembrando várias brigadas de inícios dos anos 1980, para demonstrar a disseminação de projetos literários por todo o território angolano e fala ainda do modo como o seu trabalho literário se desenvolveu no quadro das relações da literatura com outras artes, em especial com o cinema.

A segunda parte da revista em estudo inicia-se com um excerto do poema de Luan-dino Vieira, “Canção para Luanda”, elo perfeito de ligação com o ensaio de Laura Cavalcanti Padilha “*Luaanda*, 50 anos: a revolucionária recomposição de um espaço imagístico”. Neste texto de homenagem ao célebre livro que nos anos 60 transformou Luanda numa cidade literária, a ensaísta começa por traçar um quadro panorâmico das obras ficcionais angolanas, que, desde o séc. XIX até meados do século XX, procuraram o “reforço identitário” em sinais e lugares não urbanos, para melhor ilustrar a diferença específica de *Luuanda*: da visão amorosa e representação literária do musseque aos liames do universo ficcional luandino com a liberdade e a inovação. Em suma, a criação de uma escrita artística feita de “diversos tempos, matrizes, memórias, saberes” (p. 47).

Em “Ficção e Realidade na Véspera das Eleições de 1992”, Manuel Muanza elabora uma análise do romance “político” de Arnaldo de Santos, *O Vento que desorienta o*

caçador (2006), que tematiza a instabilidade política, económica e social de Angola nos anos 1990 e as consequentes perplexidades, desenganos e sofrimento do povo angolano. Trata-se de um estudo minucioso de um romance cuja vertente documental não é escamoteada, antes elogiada, pois, segundo Muanza, essa obra de Arnaldo Santos poderá levar os leitores ao encontro da recente história de Angola (desde o “abandono do mundo rural” e das tradições ancestrais ao confronto da máquina estatal pós-colonial com os interesses dos trabalhadores, entre muitos outros eventos turbulentos do período evocado).

No texto “João-Maria Vilanova e o desejo de (não) ser – ou João de Freitas, intelectual binacional”, Pires Laranjeira começa por relatar a sua experiência de investigador-detetive em demanda da identidade de um autor que toda a vida se ocultou sob o pseudónimo de Vilanova, para equacionar a complexa questão da identidade e da nacionalidade de um autor fora de uma terra que sente sua, mas dela “expulso” aquando do processo de independência (de Angola). Com o recurso ao termo “binacional”, Pires Laranjeira desafia-nos a superar o preconceito das histórias literárias nacionais, monolíticas e lineares, decorrente de políticas nacionais seculares: a obrigatoriedade de pertença unilateral de um artista a um único país e a uma única comunidade, ou então a remissão para um limbo fora da História, na origem de dilemas e problemas identitários profundos, muitas vezes, aniquiladores dos seres humanos. Tal foi o caso de João de Freitas/Vilanova, que, depois de regressar a Portugal, procedeu a um suicídio literário, pelo culto obsessivo do anonimato, antes de cometer o suicídio literal (e aqui ocorre chamar à colação a obra *Identities Assassinas*, de Amin Maalouf). Terminando com a indicação de uma bibliografia ativa de Vilanova e de uma (ainda) escassa bibliografia crítica, este é um artigo que instiga a uma redefinição/reescrita das histórias literárias e convida à descoberta de um autor que Pires Laranjeira tem vindo a resgatar das sombras.

O ensaio de Francisco Soares “Concreta e visual – II: poesia visual, graffiti e poesia visual em Angola”, com uma forte componente iconográfica, dá-nos a ver uma vertente atual da poesia angolana, que, embora pouco representativa, evidencia a busca de caminhos artísticos inovadores, no cruzamento da arte verbal com as artes plásticas, e a criação artística em espaços públicos. Convocando as experiências urbanas de Apollinaire, Cummings, Haroldo de Campos e outros, Soares ilumina aspetos da poesia lírico-visual de Frederic Ningi, traçando inclusive uma nobre e milenar genealogia: filia a sua obra numa tradição de poesia visual em Angola, que, remontando às pinturas rupestres de Tchitundo-Hulo, teve continuidade nas “gravagens” de anónimos (p. 78) na terra angolana, e terá *ressurgido* nas obras de António Ole e Viteix. Contribuindo para minar o preconceito da exclusividade de uma tradição africana oral, este ensaio acaba, paradoxalmente, por sinalizar a ausência de uma reflexão crítica, neste volume, sobre a literatura oral angolana no presente e sobre as suas formas de revitalização sob o impulso dos novos media (por ex., a relação com o rap, hip-hop e outras espécies musicais).

“Testemunhos”, a terceira secção da *Revista textos & Pretextos. Angola. Poesia e Prosa*, ocupa quase um terço do volume e é, sem dúvida, uma das suas partes mais fascinantes. Nela podemos “ouvir”, i.e., ler, em discurso direto, vinte e seis escritores angolanos, alguns deles pouco conhecidos fora de Angola e cuja obra se deixa entrever em fragmentos luminosos antepostos a cada “fala”. São eles: Adriano Botelho de Vasconcelos, Álvaro Macieira, Abreu Paxe, Amélia Dalomba, Ana de Santana, António Fonseca, António Gonçalves, António Francisco Panguilha, António Pompílio, Carlos Ferreira, Chó do Guri, Cristóvão Neto, Fragata de Morais, Gociante Patissa,

Isabel Ferreira, Jacques Arlindo dos Santos, João Melo, João Tala, Jorge Arrimar, Lopito Feijóo, Luís Fernando, Manuel dos Santos Lima, Maria Celestina Fernandes, Paula Tavares, Ras Nguimba Ngola, Trajanno Nankhova Trajanno.

As questões colocadas aos escritores surgem destacadas numa página isolada intitulada: "Identidade(s) da Literatura Angolana. Inquérito": "1 – Podemos falar de uma identidade na literatura angolana? Como pensa a sua obra neste contexto?"; "2 – De que forma usa a História para pensar e escrever a literatura do presente?"; "3 – Quais os traços que lhe parecem ser identificadores de uma literatura angolana feminina?" Da leitura global dos depoimentos que se seguem concluímos (pois não somos alertados para isso) que a terceira questão só foi colocada às escritoras, critério este incompreensível num quadro de escassez de vozes femininas. Nas respostas dadas à primeira questão do Inquérito, há que sublinhar, nalguns depoimentos, a convocação das noções de pluralidade, diversidade e multiplicidade (línguas, culturas, etc.) para a definição e afirmação da(s) identidade(s), a par de um entendimento generalizado da identidade como *processo*. Verifica-se também um claro consenso no reconhecimento da maturidade da literatura angolana contemporânea e de apreensão de marcas identitárias próprias geradas na/da confluência entre a emergência da literatura angolana e as lutas de libertação nacional. Há, por isso, uma justificada ênfase na relação entre a literatura e a história/memória e entre a literatura e a sociedade, reiterada na resposta à segunda questão, ainda que nalguns depoimentos se faça já menção às incursões literárias, nos anos 80, em territórios até então quase inexplorados, como o erotismo, a espiritualidade e temas de cariz mais intimista.

A diversidade de respostas à terceira questão prova a necessidade de um debate alargado sobre a escrita das mulheres angolanas. Se, para Amélia Dalomba a literatura, como espaço de liberdade por excelência, é "assexuada" e "independente do sexo de quem a produz" (p. 88), para Ana de Santana, que discorre sobre a sua experiência pessoal de "mulher independente" e cosmopolita, a literatura de mulheres carrega consigo "uma marca distintiva" (p. 91), que, a seu ver, advém quer de factores de ordem biológica quer sociais. Na mesma linha de pensamento se situa Chó do Guri, ao salientar a importância da educação e do contexto cultural. Em sintonia com estas duas autoras, Isabel Ferreira, num longo e veemente depoimento em que louva os gestos pioneiros de emancipação e de descolonização de Alda Lara e de Deolinda Rodrigues, considera que as escritoras angolanas que *agora* escrevem vivem (n)um processo de irreverência e de rebeldia, em luta pela igualdade de género. Já Maria Celestina Fernandes não vê grandes diferenças entre a escrita de homens e de mulheres, destacando, no entanto, um quadro social de precariedade das mulheres escritoras – muitas das quais devem a publicação das suas obras a patrocinadores do sexo masculino –, e o corolário dessa situação: uma quase ausência da mulher na área do romance e uma maior familiaridade com as espécies breves da poesia e do conto. Por último, a poetisa Ana Paula Tavares não hesita em distinguir a "escrita feminina" da "escrita masculina", considerando que a primeira reflete, de forma mais aguda, o modo como a sobrevivência e continuidade da história em territórios marcados pela guerra e devastação foram assegurados pelas mulheres, pois, afirma, "eram elas que tinham de segurar a vida pelas pontas" (p. 137).

Mas só na leitura integral dos depoimentos enumerados se poderá apreender a importância da auto-reflexão crítica dos vinte e seis escritores inquiridos e das suas narrativas de vida, as quais trazem achegas importantes para um debate em aberto sobre as relações entre a História e a Micro-História. O mesmo se pode aplicar à terceira parte do volume, constituída por entrevistas a seis escritores, cujos nomes há muito

ultrapassaram as fronteiras de Angola: Ondjaki, Pepetela, Luandino Vieira, Manuel Rui, José Luís Mendonça, e Carmo Neto.

Conscientes da irredutibilidade da entrevista a um escritor a qualquer síntese, arriscamos, ainda assim, dar uma ideia do que se poderá encontrar nesta parte da revista, que se destaca logo pela pertinência das questões colocadas. Com o título “A história não pára” (Entr. MGR; fotos de Daniel Mordzinski e Nuno Elias), esta secção abre com Ondjaki, o único autor elencado nascido no período pós-independência. Retornam no discurso do autor palavras-tema da sua obra, e já familiares aos leitores, como sejam “infância”, “Luanda” e “cidade”, ao mesmo tempo que Ondjaki sublinha as diferentes linguagens artísticas e práticas intermediais que tem explorado (por ex., o cinema). Fincando raízes na terra angolana, Ondjaki fala do seu fascínio e afinidades com a América Latina e de influências literárias que dele fazem (igualmente) um autor do mundo, angolano e universal, com ligações a vários continentes. Os nomes de escritores invocados nesta entrevista falam por si só: Ruy Duarte de Carvalho, Ana Paula Tavares, Manoel de Barros, Bashô e “Sophia” (de Mello Breyner). Indagado sobre mudanças na sociedade angolana, o autor reconhece a sua existência, mas declara-se incapaz de adiantar explicações.

Pepetela é o segundo escritor entrevistado. Em “A escrita como denúncia” (Entr. MGR e Marta Pacheco Pinto; fotos de Margarida Kol), e como sociólogo que também é, Pepetela detém-se numa análise detalhada de diversos aspetos da história de Angola desde a colonização ao período do pós-independência e dos sinais de mudança em vários estratos da sociedade angolana. O escritor considera excessiva a importação de modelos europeus, *i.e.*, a dependência (fala mesmo em “clonagem”) de muitos artistas angolanos da cultura ocidental. A seu ver, a música tem, na atualidade, um maior desenvolvimento do que a literatura, facto que imputa à ausência de práticas de leitura, à carência de um ensino eficaz da língua portuguesa, à falta de infraestruturas. Na apreciação da sua própria produção literária, Pepetela acentua a importância do cinema na sua obra (e vida) e na ambição de escrever um grande romance de “guerra e paz”. Para o escritor, cabe à literatura “chamar a atenção para os grandes problemas do mundo e da Humanidade” (p. 158) e não resolvê-los. Concorde-se ou não com algumas apreciações cáusticas do autor, esta é uma das entrevistas mais estimulantes, e que, em virtude das lentes históricas e sociológicas usadas, poderá catalisar debates mais alargados e indispensáveis.

Ao abrigo do título “Escrevo sobre o riso por cima da lágrima” (reprodução de entrevista de José Luís Mendonça para o jornal *Cultura*, com fotos de JLM/Cultura), Manuel Rui discorre longamente sobre várias facetas da sua obra literária, sobretudo da ficção – temática, processo de escrita, o traço idiossincrásico da ironia, a relação escrita/oratura, ou o tratamento musical de grafemas como se fossem sons, “sons para falar” (p. 163). Os excessos do período pós-independência (1977) e a sua passagem pessoal pela política são também abordados, terminando a entrevista com um apelo à leitura e à emergência de leitores.

A entrevista a Luandino Vieira “Vivo intensamente o real, mas o que armazeno é já literatura” (fotos de Pedro Teixeira) foi feita originariamente para o *Público*, em 2006, por Alexandra Lucas Coelho. A releitura reaviva o fascínio pela vida/vivências e obra de Luandino, narradas e comentadas pelo próprio, numa fase da sua vida intensamente marcada pela serenidade e pelo despojamento: vida e livros na mochila de um escritor que se auto-apresenta com um caminhante, em escuta permanente do real, do mundo e da natureza, e que se define como alguém que está sempre a escrever, pois a sua visão do real, insiste, é indissociável da literatura.

Sob o título “O Trabalho da Língua” (Entr. MGR; fotos de Margarida Kol) surge a entrevista a José Luís Mendonça, um dos nomes mais relevantes da poesia angolana atual. O poeta destaca a centralidade da matéria/material endógenos na sua obra, desde o trabalho com línguas nacionais à temática privilegiada: a terra, o clima, o “meio ambiente”, as gentes e o quotidiano angolanos. Mendonça refere ainda a sua dívida literária para com poetas como Craveirinha, Arlindo Barbeitos, Eugénio de Andrade e Sophia Mello Breyner. Na linha de Pepetela, Mendonça aponta problemas culturais como a falta de crítica literária, o défice de leitura, a “falta de atração pelo livro”, e os esforços por ele empreendidos, nos anos 80, para a implementação da leitura.

Perspetiva bem mais otimista é a que verificamos na entrevista dada por Carmo Neto, Secretário-Geral da União dos Escritores Angolanos (Entr. MGR; Fotos Pedro Loureiro), “Vivemos num período de graça na literatura angolana”. Para Neto, quer a quantidade quer a qualidade artística das obras escritas por angolanos provam um estado de graça, que se reforça com uma política do livro e um investimento em leitores dentro e fora das fronteiras de Angola. Reconhece, no entanto, que está por escrever a história da literatura angolana e “por se constituir um cânone literário angolano” (p. 188).

No entanto, nesta quase exposição “audiovisual” que é a parte “Entrevistas”, as vozes e fotografias dos escritores que aqui desfilam falam-nos já de um cânone nítido, ainda que exíguo. Estas entrevistas parecem também atestar a existência de uma comunidade literária afetiva e transnacional, que, desde meados do séc. XX, começou por se afirmar nas muitas epígrafes, dedicatórias e outras formas de transtextualidade que rastreamos nas obras dos autores africanos de língua portuguesa e que só episodicamente são objeto de estudo. Indo além da exegese de obras singulares, é já tempo – até porque os meios digitais o proporcionam – de uma investigação sistemática desses umbrais e “passagens” das/nas obras literárias, no sentido de uma compreensão das redes estabelecidas e dos campos literários privilegiados. Há os legados e as heranças e há as “influências” que os autores *escolhem* como suas. Sendo, fora de Angola, o nome de Sophia de Mello Breyner o mais invocado (por José Luís Mendonça, por Ondjaki, passando, noutros horizontes, por Mia Couto e Conceição Lima) seria mais que desejável um estudo de grande fôlego dedicado a esta *presença* de Sophia em obras de autores africanos de língua portuguesa. Também as constantes referências dos entrevistados à relação da literatura com o cinema (e que poderíamos estender a escritores moçambicanos e santomenses), comprovadas na leitura destes e de outros autores, torna ainda mais visível um fértil campo de pesquisa do fenómeno literário (até agora, só casuisticamente tratado) à luz do paradigma do que se convencionou designar “pictorial turn”.

Na galeria de notáveis da secção Entrevistas, há a lamentar a ausência (não justificada) de Ana Paula Tavares, nome incontornável na poesia angolana, até pelo facto de ser uma referência viva para muitos escritores mais jovens. De estranhar também (não obstante as diretrizes iniciais da revista) é a ausência de referência (nesta e noutras secções) a José Eduardo Agualusa, um autor que poderia ser abordado no âmbito dos TransArea Studies, à luz de teorias e conceitos de Ottomar Ette – como o de literatura “sem residência fixa” ou de “Escrita-Entre-Mundos”.

Indo já longa a recensão de um volume que tem, entre outros méritos, o de interpelar novos interlocutores e de delinear novos campos de investigação, diga-se, em jeito de conclusão, que o maior problema deste número da *Revista textos & pretextos* reside na sua não disponibilização on-line. Façamos votos para que essa lacuna seja colmatada.